

## **EMPATIA NA PESQUISA CIENTÍFICA: A RELAÇÃO ENTRE ORIENTANDOS E ORIENTADORES - RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ORIENTAÇÃO A DISTÂNCIA**

Douglas Vaz, Juliani Menezes dos Reis (co-autor), Fabrícia Py Tortelli Noronha (co-autor),  
Luciana Backes (orient)  
UNILASALLE - CANOAS

### **Resumo**

Este artigo discute, através de um relato de experiência, a questão da empatia no contexto da pesquisa científica. Analisa a relação entre orientandos e orientadores distantes, através da orientação a distância. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica em bases de dados, teses e dissertações.

**Palavras-chave:** Empatia, Pesquisa Científica, Orientação a distância

**Área Temática:** Ciências Humanas

### **1. Introdução**

A busca constante por atualização profissional é um fator decorrente da necessidade de adaptar-se ao competitivo mercado de trabalho. Profissionais de diferentes áreas do conhecimento buscam por renovação através de programas de pós-graduação. Na Educação não poderia ser diferente, os profissionais que atuam na área precisam estar cada vez mais capacitados para atuar com um público cada vez mais tecnologicizado.

As tecnologias digitais, segundo Levy (1999, p. 32), “[...] surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também como novo mercado da informação e do conhecimento.”. Estes campos estão sendo cada vez mais incorporados pelos países desenvolvidos, e mais recentemente pelos países subdesenvolvidos, através de sua inserção como ferramentas de ensino e de auxílio ao desenvolvimento. Isso traz resultados que influenciam no comportamento das instituições educacionais de Ensino Superior, que antes eram voltadas somente à área industrial, e agora caracterizam-se por basear-se na informação e comunicação.

A partir do século XX ocorreu a revolução da tecnologia da informação, surgindo o conceito de sociedade em rede, na qual as principais moedas não são mais o capital e a mão de obra e sim, o conhecimento e o processamento da informação (CASTELLS, 2007). Nesse contexto, os profissionais buscam cada vez mais atualizar-se através da quebra de paradigmas, por meio da pesquisa científica.

Borges (2013, p.1) enfatiza que “O pesquisador é o próprio objeto de sua pesquisa. Através deste processo de autoconhecimento procura aperfeiçoar a evolução pessoal com maturidade e assistencialidade, visando atingir a convivialidade sadia.” e, essa convivialidade sadia pode ser alcançada através da empatia. Nesse processo, para se chegar a convivialidade sadia a empatia pode interferir e contribuir tornando possível uma relação mais harmoniosa e amistosa.

Wispé (1986) aponta que, a partir do século XX, a empatia foi objeto de estudo e reflexão de autores como Alport, Freud e Reik, porém até esta época poucas investigações empíricas

havam sido realizadas. Foi somente “[...] no início da década de 50 que a empatia passou a ser investigada com maior aprofundamento e aplicada na prática psicoterapêutica a partir da iniciativa de Carl Rogers.” (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009, p. 214).

Diante do exposto, este artigo tem por objetivo analisar e relatar a questão da empatia na pesquisa científica, tendo como base a relação entre orientador e orientandos geograficamente distantes, verificando a presença da empatia no processo de orientação a distância, a partir da experiência obtida pelos autores. Dessa forma, este trabalho se caracteriza como um relato de experiência e utiliza a pesquisa bibliográfica como fundamentação teórica.

Como justificativa do estudo, pode ser citada a importância da investigação e discussão referente à pesquisa em Pós-Graduação na atualidade. Além disso, cabe sinalizar a importância do assunto “orientação”, pois acredita-se que o fator “orientação de qualidade” interfere positivamente na construção do conhecimento dos pesquisadores. A orientação a distância é outro fator importante de ser estudado, tendo em vista só ser viável devido as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

## **2. Referencial Teórico e Trabalhos Relacionados**

A pesquisa científica é um meio de fomentar a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades do discente no campo da pesquisa. Gil conceitua a pesquisa sob a seguinte ótica: “Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” (GIL, 2010, p. 1). Vianna (2001, p. 13) entende como um “Processo constante de construção, é desafio sobrepondo e gerando desafios, é vontade de desvendar o mundo, extasiar-se diante das verdades e suas relações possíveis.”

Para Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 24):

Pesquisa é o mesmo que busca ou procura. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. Em se tratando de Ciência, a pesquisa é a busca de solução a um problema que alguém queira saber a resposta. [...] Pesquisa é, portanto o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento.

Nesse sentido, a pesquisa emerge da necessidade de se aprofundar um estudo em determinado assunto como forma de renová-lo ou ressignificá-lo, através da descoberta de novos conhecimentos. De acordo com Vianna (2001), para se obter o verdadeiro conhecimento, ou seja, alcançar o sucesso na pesquisa, é preciso desequilibrar certezas, para que novas verdades surjam a partir de raciocínios mais complexos e perfeitos.

Para Gil (2010), o sucesso de uma pesquisa depende de algumas características pessoais do pesquisador, tais como o conhecimento sobre assunto a ser pesquisado, curiosidade e criatividade, integridade intelectual, atitude autocorretiva, imaginação disciplinada, perseverança, paciência, confiança na experiência e sensibilidade social. Nesta última característica destacada por Gil, reside um dos pontos que de extrema importância na condução da pesquisa, a sensibilidade social, também conhecida como empatia.

A empatia pode ser definida como uma habilidade de comunicação que possui três componentes fundamentais: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. O componente cognitivo se caracteriza pela capacidade de compreender detalhadamente o pensamento e expectativa do outro. O componente afetivo é determinado por sentimentos de compaixão, simpatia e preocupação com o bem-estar do outro. E por fim, o componente comportamental consiste em inferir sentimentos e expectativas do outro fazendo com que se sinta totalmente compreendido (FALCONE, 1999).

Vale ressaltar a diferença entre empatia e simpatia que, apesar de serem sentimentos relacionados, possuem distinções importantes entre si. Eisenberg e Miller (1987), diferenciam os conceitos de empatia e simpatia, definindo empatia como o estado emocional resultante da apreensão do estado emocional de outra pessoa. Já simpatia é definida pelos autores como

resposta emocional proveniente do estado emocional de outra pessoa, que não é idêntico a tal estado, mas consiste em sentimentos de pena ou interesse pelo bem-estar de outrem (EISENBERG; MILLER, 1987).

Dessa forma, a simpatia, difere da empatia, pois sugere que o sujeito, apesar de sensibilizar-se com a situação de outra pessoa, não chega a se colocar no lugar do outro. A simpatia é mais passiva, já a empatia supõe uma participação ativa, pode ser definida como a vontade do observador de se tornar parte da experiência de outra pessoa, de compartilhar a mesma sensação (RIFKIN, 2014, p. 15).

De Simone (2010) explica que o termo empatia vem do inglês *empathy*, que por sua vez é traduzido do alemão *einfühlung*. Do grego, o vocábulo *empathia* significa “[...] a possibilidade de entrar no sentimento, estar dentro, estar presente, viver com e como o outro o seu *pathos*, paixão, sofrimento e doença.” (GALVÃO, 2010, p. 73). Existe também a grafia do termo grego como *empathia*, que significa ‘paixão’ ou ‘ser muito afetado’ (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009).

O estudo da empatia tem sido realizado por diversas áreas, entre elas a Psicologia, mais especificamente a Psicologia da Personalidade e a Psicoterapia, onde há estudos de forma sistemática e profunda que avaliam a empatia através de questionários, escalas, histórias ilustradas, índices somáticos, e índices fisiológicos. (FORMIGA, 2012; GALVÃO, 2010).

De Simone (2010, p. 14) comenta que “[...] a empatia depende de mecanismos como: projeção cognitiva, ação de entendimento, capacidade de entendimento, capacidade de projetar, processo de identificação, forma de congnição.”

Sampaio et al. (2011) indicam que, em relação as questões metodológicas, ao longo dos anos, surgiram diversos instrumentos e metodologias para avaliar a empatia, como “[...] medidas fisiológicas (condutibilidade e temperatura da pele, frequência cardíaca e respiratória etc.), índices somáticos (análise das expressões faciais e dos gestos), entrevistas e escalas de autoavaliação.” (SAMPAIO et al. 2011, p. 68).

A empatia é constitutiva do ser humano, isto é, faz parte das características comportamentais de todo ser. Alves (2008, p. 340) menciona que “[...] ter consciência de outrem e ter consciência de si mesmo como objecto (para outrem) são estruturas sobreponíveis.” Bussab, Pedrosa e Carvalho (2007, p. 102) entendem que

Prevalecia – e ainda prevalece em muitas teorias, apesar de grandes reformulações nas últimas décadas – a noção de que o ser humano nasce enclausurado em si mesmo, vazio do mundo e sem nenhuma – ou com muito pouca – preparação para vivenciá-lo; o mundo o constituiria de forma mais ou menos arbitrária, *socializando-o* de acordo com parâmetros e valores históricos e culturais variáveis – entre os quais inclui-se até, em maior ou menor grau, a empatia em relação ao outro, que muitos ainda vêem como uma conquista da “socialização” contra o “egoísmo” ou autocentração “naturais” ou biológicos.

A afetividade é inerente ao ser humano desde o nascimento e as relações emocionais com base no vínculo com outras pessoas é uma das primeiras evidências apresentadas (VEDOVE; CAMARGO, 2008). “A empatia é uma habilidade, segundo conceito utilizado na Psicologia, que significa perceber o outro e identificar suas necessidades.” (VEDOVE; CAMARGO, 2008, p. 160).

Para as autoras,

A empatia precisa ser constantemente aplicada nas relações interpessoais, pois somente é possível ser empático se trabalhar a afetividade e as emoções, especialmente o autoconhecimento, já que para saber o que o outro está sentido e para compreendê-lo é preciso saber o que representa esse sentimento em si. A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e ser despertado por emoções que a própria pessoa sentiria se estivesse nesse lugar. (VEDOVE; CAMARGO, 2008, p. 160)

Rifkin (2014) faz uma análise da evolução da empatia, como capacidade que exerce poderosa influência em nosso desenvolvimento e que, provavelmente, determinará nosso futuro como espécie. O autor destaca que começamos a perceber que somos uma espécie fundamentalmente empática, e isso tem profundas e amplas implicações para a sociedade.

Meireles (2014, p. 26) destaca que “Os relacionamentos sociais são a marca da espécie humana. Sua sobrevivência ao longo dos anos dependeu do contato com os semelhantes, por isso a capacidade empática é importante.”

Segundo Rifkin (2001), a civilização humana não se sustentaria sem empatia uma vez que está entre os mais profundos sentimentos humanos e é responsável pela criação dos vínculos afetivos, políticos e sociais. De acordo com o autor, “Para sentir empatia, é preciso ir além dos limites do *self*, transportar-se emocionalmente no ser do outro e sentir os sentimentos dos outros como se fossem seus.” (RIFKIN, 2001, p. 201).

A empatia permeia toda a relação social, seja ela no ambiente familiar, de trabalho, escolar ou de comunidade. “Sin empatía sería imposible imaginar la vida social y la organización de la sociedad. Intentemos imaginar una sociedad de personas narcisistas, psicópatas o autistas. La sociedad exige ser social y ser social exige extensión empática.” (RIFKIN, 2014, p. 35).

Farias (2013, p. 31) destaca que “O que é surpreendente é o estabelecimento da ação empática seja ela positiva ou negativa que se estabelece de forma peremptória à vivência empática.”. Rifkin (2014) ressalta que se suprimirmos a natureza corpórea da nossa existência e rejeitarmos as emoções que nos ligam ao mundo físico perdemos a capacidade de empatia, que é a essência do que significa ser um ser social.

Na Pesquisa Científica é importante que a empatia entre o orientador e orientando esteja presente. A relação de convivência saudável entre os sujeitos é fundamental e deve estar fundamentada na parceria, respeito mútuo e comprometimento de modo a construir uma relação em torno da pesquisa que promova o despertar de interesses, objetivos e sonhos. Em vista disso, se essas relações forem harmônicas, a ação de pesquisar ocorrerá de forma prazerosa e resultará em conhecimentos mais significativos e relevantes. Corroborando com esse entendimento, Ferreira, Furtado e Silveira (2009, p. 3) ressaltam que “A relação orientador-orientando resulta em consolidação do conhecimento científico.”

Para o orientador algumas qualidades são indispensáveis, além do conhecimento, competência, habilidades, experiência apropriados, destacam-se:

[...] profissionalismo, interesse, flexibilidade, paciência, comunicação, criatividade, respeito, honestidade, responsabilidade, organização, o respeito de seus pares e a integração com uma rede internacional de contatos. Por outro lado cabe aos alunos orientandos: motivação, objetividade, curiosidade, entusiasmo, ambição, respeito, auto-disciplina e dedicação. (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA; 2009, p. 3).

Leite Filho e Martins (2006, p. 100) ressaltam que

Os orientadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas e ricas em detalhes com os orientandos, e, desta convivência, resultam dissertações e teses que contribuem para a sistematização e consolidação do conhecimento científico em determinada área.

Pode-se acrescentar ainda que a empatia faz parte das competências pessoais e de trabalho colaborativo em equipe tanto do orientador, quanto do orientando (VEDOVE; CAMARGO, 2008). Rifkin (2014, p. 294) entende que “La empatía era parte esencial de lo que supone el ser humano de forma plenamente consciente y responsable.[...] Cuanto más empáticos somos, más nos desarrollamos personalmente.”

A empatia é uma habilidade que para ser desenvolvida precisa de algumas competências, como a capacidade de ouvir, ajudar o outro no seu desenvolvimento e observar. Nessa relação entre orientador-orientando, os benefícios não são unilaterais:

[...] para o orientando, resulta em crescimentos pessoal, profissional e acadêmico, encorajamento, direção, desenvolvimento de senso crítico, independência e auto-confiança. Já para o orientador ocasiona em aumento da satisfação pessoal, estímulo, oportunidade de manter-se atualizado em termos de técnicas e conhecimento, aumento da habilidade para atrair novos colaboradores pra projetos atuais e futuros, além de proporcionar oportunidade para "criar um legado" em gerações futuras na linha de pesquisa. (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA; 2009, p. 3).

Com o tempo essa relação entre o orientador e seu orientado se consolida e se torna uma fonte de apoio e segurança, podendo até mesmo, chegar à amizade, em alguns casos. Neste aspecto, a empatia existente nessa relação poderá contribuir para o bom desenvolvimento da pesquisa e para o aperfeiçoamento da relação entre orientador e orientando, alavancando assim, a formação de um sujeito crítico, reflexivo e com autonomia na sociedade.

### **3. Metodologia**

Entender a existência de empatia na pesquisa acadêmica motivou os autores a pesquisar sobre esse tema. A ausência de pesquisas relacionadas justifica a necessidade de se dar mais atenção a esse assunto. Este artigo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica e se apresenta como um relato de experiência dos autores, mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação, da linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação, no decorrer do primeiro semestre de 2015.

A seguir, apresentamos o caminho metodológico utilizado no levantamento do referencial teórico utilizado. O levantamento bibliográfico foi realizado na base de dados EBSCO, Base Digital de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos da Capes. Na base de dados EBSCO, utilizando os descritores 'Empathy' e 'Scientific Research' foram encontrados 389 resultados, mas não foi recuperado nenhum resultado relacionado aos dois termos. Os resultados encontrados eram relacionados aos termos separadamente.

Na pesquisa na Base Digital de Teses e Dissertações (BDTD) foram utilizados os termos 'Empatia' e 'Pesquisa Científica'. Foi realizada a busca na BDTD da seguinte forma: no resumo por 'Pesquisa Científica' e no título por 'Empatia' e, não foi recuperado nenhum resultado. Utilizando no resumo o termo 'Pesquisa Científica' e no assunto 'Empatia', também não foi recuperado nenhum resultado. Utilizando o descritor 'Empatia' no título foi possível encontrar 30 resultados, mas devido a amplitude do tema apenas dois estudos foram selecionados, entre eles Galvão (2010) e Meireles (2014).

A pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes, selecionando apenas artigos, publicados nos últimos cinco anos, em português e, utilizando os termos de busca 'Empatia' e 'Pesquisa científica', no título, não obteve nenhum resultado. Utilizando os mesmos critérios, ao pesquisar somente pelo termo 'Empatia', no título, foram recuperados 21 resultados, dos quais apenas dois resultados foram selecionados, dentre eles estão Alves (2008), Sampaio et al. (2011).

### **4. Resultados e Discussões**

Durante as orientações, professor orientador e orientando, quando distantes fisicamente, estabelecem relações singulares e dinâmicas, através da troca de mensagens por meio eletrônico e através de webconferências periódicas. É através deste relacionamento que são desenvolvidos projeto de pesquisa, publicações científicas e, por fim, Trabalhos de Conclusão de Curso, como monografias, dissertações e teses. Todavia, segundo Leite Filho e Martins (2006, p. 100),

[...] para que este processo seja produtivo, é necessário que os orientadores e os orientandos conheçam as suas prerrogativas, constituindo através de um relacionamento construtivo o espaço propício e efetivo para a geração de conhecimentos.

Corroborando com o autor, evidencia-se a necessidade de um maior comprometimento no processo de orientação a distância, pois a qualidade da orientação é um dos pontos fundamentais no andamento da vida acadêmica do orientando, sendo a orientação o ponto-chave para guiá-lo ao sucesso ou os fracasso durante o curso.

O seguinte relato de experiência parte dos autores deste artigo, mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação, alunos da linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Os três autores são orientados pela mesma pesquisadora, que atualmente mora em outro país e por isso, a necessidade de orientações a distância.

As orientações durante o primeiro semestre do curso ocorreram através da troca de mensagens via e-mail, grupo em rede social (formado por orientadora e orientandos), comunicadores instantâneos e, principalmente, através de webconferências periódicas marcadas tanto pelo orientador, quanto pelos orientandos.

Na rede social na qual foi criado o grupo para os orientandos, foram compartilhadas diversas informações que se fizeram relevantes para os projetos, além de servirem de intermédio para a marcação de encontros *online*, via webconferência.

No primeiro semestre de 2015, o Programa de Pós-Graduação em Educação ofertou a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica na qual os orientandos puderam fazer uma análise das características dos diversos métodos indispensáveis para a condução da pesquisa, além de definir o tipo de pesquisa pretendido no projeto, amadurecer conceitos e a elaboração da pesquisa inicial.

Além da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, outras duas disciplinas foram cursadas e contribuíram para o refinamento do projeto e subsidiaram fontes importantes de pesquisa bibliográfica. São elas: Concepções Culturais, Tecnológicas e Educacionais na Contemporaneidade e Seminário Temático I: Experiência, Linguagens e Formação.

No decorrer do semestre, cada projeto de pesquisa foi sendo refinado e modificado, de acordo com os conceitos assimilados nas disciplinas e o que foi definido durante as orientações a distância.

A orientação a distância oportuniza flexibilidade em alguns aspectos. Quanto ao espaço físico, as orientações ocorrem fora do contexto acadêmico, onde melhor convier as partes, desde que estejam conectados a internet. Quanto a economia, não há necessidade de deslocamento até a universidade, e esse é um fator que beneficia os orientandos, já que todos moram em cidades diferentes da cidade onde está localizado o Programa de Pós-Graduação.

Uma desvantagem da orientação a distância seria a falta de interação direta com o orientador. Rifkin (2001, p. 202), destaca que psicólogos e sociólogos

[...] estão começando a se preocupar com o fato de que a geração que está crescendo em mundos simulados e se acostumando com a ideia de que comprar acesso a commodities culturais e a experiências vividas pode não ter a experiência emocional suficiente para sentir empatia.

Segundo relato dos orientandos, a utilização de uma ferramenta síncrona como a webconferência, oportuniza o contato direto, mesmo que simulado, através de som, imagem e texto. Sendo assim, dificuldades nesse quesito não foram percebidas pelos orientandos durante o processo de orientação.

A distância física não afetou a relação empática entre os sujeitos envolvidos nem o bom andamento da pesquisa. Quando uma das partes percebia a necessidade de conversar, marcava-se uma conversa via webconferência para esclarecimentos e definições sobre os rumos a serem tomados na pesquisa.

Vale ressaltar que a orientação a distância exige dos participantes, orientandos e orientador, domínio das tecnologias digitais, além de conexão com a internet estável e hardwares adequadas para webconferência. Isso pode ser considerado um empecilho, tendo em vista que a rapidez de conexão depende de serviços terceirizados. Contudo, nos encontros realizados por webconferência não houve problemas que inviabilizassem a orientação.

Observamos que no processo de orientação a distância a empatia na relação orientador e orientando foi fundamental para viabilizar o bom andamento dos projetos. Se colocar no lugar do outro e entender a necessidade de adaptação foi importante para ambas partes.

Rifkin (2014, p. 118) explica que

Quando una persona siente empatía con otra, las distinciones se empiezan a desvanecer. El acto mismo de identificación con la lucha de otra persona como si fuera nuestra es la expresión suprema del sentido de igualdad. No podemos sentir verdadera empatía con una persona si no nos situamos en el mismo plano emocional que ella.

O autor comenta que “Cuanto más profunda es nuestra empatía con los demás y con los restantes seres vivos, más intensa y extensa será nuestra participación, y más ricos y universales serán los ámbitos de la realidad en los que vivamos.” (RIFKIN, 2014, p. 108).

Portanto, pode-se atribuir o sucesso dos orientandos e do orientador na pesquisa que estão executando à relação que eles estabelecem entre os pares. Havendo empatia na relação, considera-se que o trabalho será mais agradável e irá fluir muito melhor contribuindo assim, para uma melhor qualidade da pesquisa acadêmica.

## **5. Considerações Finais**

A empatia é um fator fundamental para o convívio em sociedade. É um sentimento que permite ao ser humano formar vínculos empáticos que podem influenciar na forma de pensar e produzir conhecimentos na pesquisa.

Rifkin (2014, p. 106) aponta que

[...] son precisamente los sentimientos y las emociones que rechazan lo que permite que el ser humano forme vínculos empáticos y pueda convertirse en un ser social plenamente desarrollado. Sin sentimientos ni emociones, la empatía deja de existir. Un mundo sin empatía es ajeno a la noción misma de lo que significa ser humano.

A vivência da empatia no processo de orientação permitiu um melhor desenvolvimento da trajetória de construção do projeto de pesquisa, contribuindo na formação de orientandos mais críticos, reflexivos e autônomos. Essa relação empática estimulou a criatividade e a manutenção dos interesses dos mestrandos de forma a atingirem seus objetivos.

Percebeu-se um consenso entre os teóricos pesquisados em relação ao alto grau de influência da empatia nas relações interpessoais, e neste caso, em especial, na relação de orientação da pesquisa acadêmica.

Consideramos que a relação empática que foi estabelecida com o orientador influenciou positivamente o andamento dos projetos de pesquisa. A orientação a distância em nenhum momento prejudicou os orientandos, pelo contrário, contribuiu e beneficiou-os em diversos aspectos, principalmente, em relação a economia de tempo com deslocamentos.

A experiência de orientação a distância foi positiva e poderia ser utilizada até mesmo por orientadores e orientandos que estão fisicamente na mesma cidade, tendo em vista os benefícios oriundos dessa forma de orientação, na qual os envolvidos ganham tempo, que pode ser utilizado na própria pesquisa que estão desenvolvendo. Vale acrescentar que a existência da empatia

nesse processo pode facilitar o relacionamento entre as partes e contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos.

## **Referências**

ALVES, Pedro M. S. Empatia e ser-para-outrem: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjetividade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 334-357, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10748>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BORGES, Pedro. Pratiquemos a empatia. **Pesquisa da Autoconsciência**, Foz do Iguaçu, 2013. Disponível em: <[http://www.iipc.org/wp-content/uploads/2014/01/Artigo\\_Pratiquemos-Empatia-Pedro-Borges\\_2013.pdf](http://www.iipc.org/wp-content/uploads/2014/01/Artigo_Pratiquemos-Empatia-Pedro-Borges_2013.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007

DE SIMONE, Adriana. **Sobre um conceito integral de empatia: intercâmbios entre filosofia, psicanálise e neuropsicologia**. 2010. 180 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-30072010-100914/pt-br.php>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

EISENBERG, Nancy; MILLER, Paul. The relationship of empathy to prosocial and related behaviors. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 101, n. 1, p. 91-119, 1987.

FALCONE, Eliane. Avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 1, n. 1, p. 23-32, 1999. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/267/207>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

FARIAS, Moisés Rocha. **A empatia como condição de possibilidade para o agir ético**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <[http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacoes2013\\_empatia\\_como\\_condicao\\_possibilidade\\_para\\_agir\\_etico](http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacoes2013_empatia_como_condicao_possibilidade_para_agir_etico)>. Acesso em: 13 jul. 2015.

FERREIRA, Lydia Masako; FURTADO, Fabianne; SILVEIRA, Tiago Santos. Advisor-advisee relationship: the multiplier knowledge. **Acta Cir Bras.**, v. 24, n. 3, may/jun. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/acb/v24n3/pt\\_01.pdf](http://www.scielo.br/pdf/acb/v24n3/pt_01.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2015.

FORMIGA, Nilton Soares. Os estudos sobre empatia: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. **Psicologia: O Portal dos Psicólogos**, p. 1-14, 2012. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0639.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais**. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <[http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1086](http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1086)>. Acesso em: 16 jul. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda C.; MEDEIROS, Carlos H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LEITE FILHO, Geraldo Alemandro; MARTINS, Gilberto de Andrade. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **RAE**, Edição Especial, v. 46, p. 100-109, 2006. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/download/10859>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MEIRELES, Livia Gomes Viana. **Empatia e treinadores esportivos brasileiros: um estudo exploratório**. 2014. 105 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <[http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8362](http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8362)>. Acesso em: 16 jul. 2015.

PEDROSA, Vera Silvia Raad; PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. **Psicologia USP**, v. 18, n. 2, p. 99-133, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41923/45591>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**. São Paulo: Makron Books, 2001.

\_\_\_\_\_. **La civilización empática: la carrera hacia una conciencia global en un mundo en crisis**. [S.n.]: Hoshiko, 2014.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues et al. Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 67-76, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/6456/6302>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos; ROAZZI, Antonio. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.

VEDOVE, Juliana Cereda Dale; CAMARGO, Rosi Terezinha Munaretti de. A influência da empatia na relação tutor-aluno. **Revista Intersaberes**, v. 3, n. 6, p. 155-165, jul. dez. 2008. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/135/108>>. Acesso em: 13 jul 2015.

VIANNA, Ilca Oliveira de A. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: E.P.U., 2001.

WISPÉ, Lauren. The distinction between sympathy and empathy: to call forth a concept, a word is needed. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 50, n. 2, p. 314-321, fev. 1986.